



Universidade de São Paulo
Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI

Museu de Arte Contemporânea - MAC

Livros e Capítulos de Livros - MAC

2013

O Museu de arte como o lugar da educação memória, imaginação e pensamento

<http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/46558>

Downloaded from: Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI, Universidade de São Paulo

O museu de arte como o lugar da educação: memória, imaginação e pensamento¹

CARMEN S. G. ARANHA*
EVANDRO NICOLAU**

Diante da obra de arte no contexto de um museu, o que esse mero objeto artístico frente aos olhos nos suscita? As obras, muitas vezes localizadas na categoria “arte contemporânea”, impõem um distanciamento que nos reporta aos sentidos de vivências de algum modo inscritos na memória, revivida e imaginada. Assim, podemos nos ater em uma lembrança de objetos da época evocados e, de

1. Este artigo contou com a colaboração valiosa da pesquisa de Josias Padilha, em sua participação no desenvolvimento do curso de Formação de Educadores do Museu do Café, em Santos, ao longo do ano de 2012.

* Professora Associada do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. Doutora em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade de São Paulo e Livre Docente em Teoria e Crítica de Arte pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Atuou nos Ensinos Fundamental e Médio como professora de Artes Visuais e História da Arte durante dezoito anos. Foi professora da Fundação Armando Álvares Penteado, entre 1982 e 1993, na cadeira de Metodologia do Ensino para Professores de Arte. Atualmente, coordena o Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo. É autora do livro: *Exercícios do Olhar. Conhecimento e Visualidade*, 2008, Editoras UNESP e FUNARTE.

** Educador e artista. Mestre pelo Programa Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo. Graduado em Licenciatura Plena

algum modo, também nas suas materialidades ali depositadas. Acessamos a memória, recordamos, imaginamos e, diante do objeto artístico preservado e exposto no museu, construímos relações de tempo e espaço por meio de imagens construídas na vivência e imagens apreendidas nos *recortes da cultura* de cada época.

Gravadas em nossa consciência, as imagens nos *inspiram* e nos transportam às várias dimensões das culturas, ampliando nossos horizontes de significados que, por fim, subsidiam a compreensão e interpretação da linguagem artística criadora.

Como que é possível, então, na presença da arte, termos a noção que a apreensão de uma cultura já passada pode transportar-nos para imagens futuras? Ao ativarmos um processo de imaginação que remonta ao já vivido, será que poderemos, ao mesmo tempo, ativar uma forma de *memória do futuro*? Para o observador da obra de arte, poderia haver dois momentos concomitantes e contraditórios? Como os espectadores de um espaço de memória, que é o museu, podem ser capazes de ativar imagens futuras? A partir das correlações que a arte possibilita, como imaginar o que ainda não existe e que não está situado no tempo passado? Como transcendemos as imagens que são emergências de outrora para a construção do não pensado, do não imaginado?

em Educação Artística pelo Instituto de Artes da UNESP, São Paulo. É coordenador da Divisão de Educação e professor de desenho em cursos de extensão universitária no Museu de Arte Contemporânea da USP, onde atua como Educador desde o ano de 2004. Mantém um trabalho artístico nas áreas de artes visuais, música, vídeo e literatura. Produz e faz curadoria de exposições, além de escrever e publicar ensaios teóricos sobre educação e arte visual contemporânea. É autor do livro *A Filosofia pelo desenho ou um livro sem citações*, 2012, Editora ComArte.

O lugar da memória

Os museus nascem da homenagem ao templo das musas. Musas são seres que inspiram, dão aos homens o sopro – *spiritus* –, que faz nascer ideias, conceitos, a arte ou o desenho do mundo. Musas são filhas da memória – *Mnemosine*. Nasceram do amor de Zeus pela memória e que deram à humanidade a cultura e os prazeres estéticos.

Cabe aqui uma digressão sobre a história de Zeus. Nascido de Cronos e Reia, Zeus é um sobrevivente. Narra a mitologia grega que Cronos se alimentava de seus filhos por medo que se cumprisse profecia que um de seus descendentes iria destroná-lo. O Titã impede, então, que sua prole leve suas vidas adiante. Porém, é a sobrevivência de Zeus que funda a cultura ocidental: ao se livrar da maldição do pai, Zeus dá aos homens a possibilidade da existência da história e das artes; o vívido passa a ser preservado pela linguagem, falada e escrita, e pela imagem. Isso nos leva a interpretar que a representação do fenômeno substitui o acontecimento, ou seja, a potência da entidade – *ta onto* – se lança a um momento, reapresentando-o em forma de linguagem, construção de imagens e, desse modo, na linguagem da arte. Revive-se, então, uma situação, uma forma, uma memória.

Distante do passado, nossa experiência se reaviva na imaginação por permitir o deslocamento do nosso ponto de vista para o do criador e, com essa movimentação, lançarmo-nos às dimensões ainda não vividas.

Relançar olhares ao que já existiu é uma das formas de aprender. Transpor-se a outros espaços e tempo pode conduzir-nos ao encontro, dentro de nosso repertório imaginário, de condições de compreensão de situações, não necessariamente vividas, porém, que nos dão *aquele sopro que faz nascer ideias, conceitos, arte ou o desenho do mundo*.

Imagem e pensamento

O século XIX foi um período em que muito se tratou da questão da imaginação. O pensador francês Jean-Paul Sartre, ao fazer uma revisão de autores do período que refletiram sobre o tema, comenta a compreensão de Henri Bergson sobre o assunto:

[...] Toda realidade tem um certo parentesco, uma analogia, uma certa relação com a consciência; é por isso que todas as coisas que nos cercam são chamadas imagens [...]. (SARTRE, 2008, p. 41)

Vemos que Bergson pensa o universo como um mundo de imagens, ou seja, não apenas a realidade visível ou perceptível é imagem, mas todo um universo abstrato é passível de ser representado.

Diz o filósofo:

Para que uma imagem exista em ato, é preciso que ela possa ser isolada das imagens que reagem sobre ela, é preciso que, “em vez de permanecer encaixada no ambiente como uma coisa, destaque-se dele como um quadro”. (SARTRE, 2008, p. 41)

Em um museu de arte, todo o discurso ali veiculado deveria ser evocado e construído por imagens. São as obras de arte o *lugar da imagem*, ou seja, da expressão artística visual, território por excelência da representação. Sartre ainda comenta que, para Bergson, “todo objeto é passível de uma representação” (SARTRE, 2008, p. 41). Ora, a arte localiza-se nesse campo interpretativo.

As imagens são necessárias à formação dos conceitos, não há um único conceito que seja inato. A abstração tem precisamente por objetivo, em sua função original e geradora do inteligível, elevar-nos acima da imagem e permitir-nos pensar seu objeto sob uma

forma necessária e universal. [...] Toda matéria suscetível de ser explorada pela inteligência é de origem sensorial e imaginativa. (PEILLAUBE, 1910, apud SARTRE, 2008, p. 33)

A obra de arte produz a possibilidade do exercício da reflexão por imagens, não só as vividas como também as pensadas. Como dissemos anteriormente, em primeira instância, as imagens ativam a memória e as associações representativas que, por sua vez, excitam o pensar, a reflexão.

[...] Em consequência de quais condições ele (pensamento) pode nascer? [...] Seja como for, ele fez sua aparição, fixou-se desenvolveu-se. Porém, como uma função só pode entrar em atividade sob a influência de excitações que lhe são apropriadas, a existência de um pensamento puro trabalhando sem que nada que o provoque é *a priori*, inverossímil. Reduzido a si mesmo, é uma atividade que dissocia, associa, percebe relações, coordena. Pode-se mesmo supor que essa atividade é, por sua natureza, inconsciente e só adquire a forma consciente pelos dados que elabora [...] para concluir, a hipótese de um pensamento puro, sem imagens e sem palavras é muito pouco provável e, em todo caso, não está provada. (RIBOT, 1914, apud SARTRE, 2008, p. 36)

Imagen e pensamento são indissociáveis, segundo Sartre e Bergson.

[...] Assim como não há digestão sem alimentos, não há pensamento sem imagens, isto é, sem materiais vindos do exterior [...]. (RIBOT, 1914, apud SARTRE, 2008, p. 37)

Com essas premissas, o presente artigo pretende articular a possibilidade de movimentações essenciais no espaço de uma exposição

de arte na compreensão e interpretação de utopias futuras: as imagens e a reflexão sobre o olhar são instrumentais fundamentais para a construção dessa possibilidade. Nossa hipótese se dirige à ideia que espectadores de um espaço de memória, como o museu, com as correlações de imagens que a arte possibilita, podem imaginar o que ainda não existe na construção de um até então “não pensado”.

Imagen, pensamento, utopias futuras: desafios didáticos no museu de arte

O museu é um conjunto, uma totalidade, visível em seu edifício e nas unidades de suas exposições. Ao se iniciar uma visita, estamos originando um processo de conhecimento, ou seja, de análise, observação dos objetos e organização das novas informações que se apresentam. Inicia-se a formulação de um novo conceito para, posteriormente, realizar-se uma síntese da experiência vivida na exposição. Uma visita é um caminho que parte de um todo desconhecido, segue por pormenores e retorna ao todo, iluminando-o. Resistência, receio, afirmações como “museu, não conheço, não entendo”, fazem-nos propor maior reflexão, análise, estímulo para que se veja o pormenor, a procura de correlações que mobilizem o relembrar.

Partindo da proposição reflexiva que *não há pensamento sem imagem*, como afirmamos anteriormente com Sartre e Bergson, vemos que uma *ordem metodológica* possível, no campo da educação em museu de arte, seria *ensinar a ver e pensar o ver* as imagens.

Associar imagens observadas às imagens lembradas, projetando-as no caminho que se pode percorrer ao se construir, e propor uma visita à exposição de arte são movimentações conceituais que

se apoiam na tentativa de se estabelecer uma metodologia da memória, da imaginação e do pensamento de ver.

Olhar-pensar

Segundo o filósofo Merleau-Ponty, precisamos, na verdade, de acreditar que há um olhar que pode desmanchar os pensamentos tecidos somente com a razão (CHAUI, 2002, p. 5). Esse *olhar-pensar* deve criar argumentos visuais sobre não coincidências e irrazões (CHAUI, 2002, p. 4), objetivando olhar as coisas do mundo ao invés de lê-las. Um exercício, nesse caso fundamental, é o exercício do olhar que tece o conhecimento criador e objetiva trazê-lo à luz no seu sistema de correlações (ARANHA, 2011, pp. 11-12). Ver os objetos do mundo, *correlacioná-los visualmente* e criar uma *interpretação* com os elementos que caracterizam e organizam a *linguagem das artes visuais* é um processo de conhecimento. Ao fazer esse exercício, estamos oferecendo a construção de um saber, certamente mais orgânico que a leitura da imagem, ou seja, sua adequação a um texto: para além de qualquer enunciado, há o *olhar-pensar* a arte, uma espiral de aproximações que pode resgatar ordens de visualidades.

Eu teria muita dificuldade de dizer *onde* está o quadro que olho. Pois não o vejo como se olha uma coisa, não o fixo em seu lugar, meu olhar vagueia como nos nímbos do Ser, vejo segundo ele ou com ele mais do que o vejo. (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 18)

Apoiados nessas reflexões sobre a compreensão de um *olhar-pensar* que dilui *racionalidades* diante da obra de arte, algumas ideias-guias serão agora situadas, objetivando mostrar movimentações possíveis para os processos educativos em museus de arte.

Sob as asas de motivações que acreditamos essenciais, apontamos para algumas orientações baseadas em nossa própria experiência em relação aos horizontes da criação artística, objetivando um *sentido novo* para a apreensão da obra de arte.

As orientações a seguir procuram absorver a *imagem artística* como linguagem em si, clara e compreensível (ARANHA, 2011, pp. 11-12):

- O visitante se movimenta no espaço da exposição; essa experiência vivida é habitada por uma visão que junto se move.
- Esses deslocamentos inquietam o visitante e podem ser por ele decodificados em cifras visuais dessa vivência: o *olhar-pensar* vai desmanchando pensamentos apenas construídos com a razão e argumentos visuais, sobre não coincidências e irrazões, relacionam imagens.
- Nessa formação, o pensamento de ver carrega-se de sentidos visuais, ou seja, codifica-se em elementos das artes visuais, nos próprios indícios da organização de um sistema de correlações como possibilidade de construção da *nova imagem*: refletimos em muitos diálogos, nas linguagens artísticas, nas mais diversas formas e nos mais variados conteúdos da arte.
- E, assim, a visão das imagens que se movimentam na procura de origens e, nesse passeio, codificam seus encontros nos exercícios do *olhar-pensar*.

Algumas pontuações sobre mediação e cultura atual

Mediar a relação entre espectador e objeto museológico buscando construir novas formas de pensar o campo das instituições culturais na contemporaneidade é um desafio. Desafio esse que tem

pela frente o crescimento das informações do *cyberespaço*, onde a lógica narrativa, discursiva, cronológica se dissolve e se pulveriza; lugar em que a cultura num mundo em crise se transforma e aponta para múltiplas identidades e reivindicações de uma nova geração que surge. As formas de comunicação começam a misturar a tradicional concepção de seu processo, fundado na estrutura emissor-mensagem-receptor, criando um processo em rede, dês-hierarquizado e horizontal de troca de informações. Na comunicação contemporânea, os discursos se mesclam; a polifonia (NICOLAU, 2011, pp. 149-166) ganha espaço e o que era público-espectador, pura e simplesmente, ganha voz e se torna coautor de mensagens. Neste aspecto, mais que a imaginação que se lança ao passado, faz-se urgente imaginar o futuro, o porvir, de uma sociedade plural, global, “pós-histórica” e digital.

Em que medida os espaços culturais poderiam contribuir com essa construção, inclusive originadas no seio de uma cultura aristocrática e dominante?

A ideia de preservar e expor, em grande volume de mostras e exposições, muitas vezes, sobrepõe-se a de educar. As instituições normatizam por meio de teorias, curadorias e pesquisas o poder de dirigir o olhar e até mesmo o de afirmar o que é boa ou má cultura. Esgota-se a capacidade de imaginar um mundo.

Num momento em que se clama por soluções que considerem a participação de novos autores, faz-se necessário um *olhar-pensar* atento que busca imagens genuínas e, também, compreender para quem falamos, quem é nosso público: para uma real compreensão desse interlocutor, é necessária a existência do diálogo, da escuta dessa voz, que hoje se torna participativa.

O discurso erudito e oficial da instituição, muitas vezes, não é compartilhado pela forma de comunicação que tem se constituído na cultura atual, principalmente, entre os jovens. Há que se

conquistar uma adaptação dessa fala, de se procurar as razões de fato que validem a existência das instituições museológicas e sua importância na formação individual e coletiva da sociedade.

Para que se encontrem possíveis formas de leitura, de aproximação do objeto e de uma exposição, é preciso ter claro *qual é o discurso do museu? De que forma ele interfere ou contribui com o método da visita? E, o mais importante: o público que ouve também fala?*

É justamente nesta conjuntura que entra, estrategicamente, a educação, os serviços educativos, os programas de atendimento e recepção de público. É, nesse momento, que o fundamental é considerar o papel da educação em museus de arte.

Referências bibliográficas

- ARANHA, Carmen S. G. *Exercícios do Olhar: conhecimento e visualidade*. São Paulo: Editora Unesp, 2008.
- _____ ; CANTON, Kátia (Orgs.) *Espaços da mediação*. São Paulo: MAC-USP, 2011.
- CÂMARA, José Bettencourt da. *Expressão e contemporaneidade: a arte moderna segundo Merleau-Ponty*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2005.
- CARMAN, Taylor; HANSEN, Mark B. N. (Eds.). *The Cambridge Companion to Merleau-Ponty*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. 2a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CANDAU, Joël. Du mythe de Theuth à l'iconorrhée contemporaine: la mémoire, la trace et la perte. *Revue européenne des sciences sociales*, v. 36, n. 111, p. 47-60, 1998.

- _____. *La métamémoire ou la mise en récit du travail de mémoire*. Paris: Centre Alberto-Benveniste, 2009. Disponível em: <http://centrealbertobenveniste.org/formail-cab/uploads/La-metamemoire-ou-la-mise-en-recit-du-travail-de-memoire.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2013.
- _____. *Memória e identidade*. São Paulo, Contexto, 2012.
- _____. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca matrimonial: memória, tradição e identidade. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v.1, n. 1, dez. 2009/mar. 2010. Disponível em: <http://www.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede/beta-02-01/index.php/memoriaemrede/article/view/54>. Acesso em: 13 ago. 2013.
- CARVALHO, Aline V. de; FUNARI, Pedro Paulo. Memória e Patrimônio: diversidade e identidades. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v.1, n. 1, dez. 2009/mar. 2010. Disponível em: <http://www.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede/beta-02-01/index.php/memoriaemrede/article/view/43>. Acesso em: 13 ago. 2013.
- CHAUI, Marilena. *Experiência do pensamento*: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- EFFLAND, Arthur D. Imaginação na cognição: o propósito da arte. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Arte/educação contemporânea: consolâncias internacionais*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 298-345.
- LEITE, Edson. *Turismo cultural e patrimônio imaterial no Brasil*. São Paulo: Intercom, 2011.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *The structure of behavior*. Boston: Beacon Press. 1967.
- _____. *Phenomenology of perception*. London: Routledge & Kegan Paul Ltd., 1978.
- _____. *O olho e o espírito*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- NICOLAU, Evandro C. Teatro cognitivo In: ARANHA, Carmen S. G. e CANTON, Kátia (Orgs.). *Espaços da mediação*. São Paulo: MAC-USP, 2011. p.149-166.
- SARTRE, Jean Paul. *A imaginação*. Porto Alegre: LP&M, 2008.